

DA ESTRUTURA AO USO DA LÍNGUA: A PRESENÇA DO OPERADOR masSN NA PRODUÇÃO DO TEXTO DE OPINIÃO

Marcos Antônio da Silva¹
Luiz Henrique Santos de Andrade²

RESUMO

Apoiados na Teoria da Argumentação na Língua, teoria esta postulada por Anscombe e Ducrot (1994), constitui objetivo nosso neste trabalho apresentar uma análise do operador masSN no texto de opinião. No total, trouxemos para nossas análises cinco recortes de textos. Apoiarão ainda nossos estudos as contribuições apresentadas por Ducrot (1987) e Ducrot e Vogt (1982), quando apresentam estudos mais consubstanciais sobre os operadores argumentativos, mais precisamente o operador “mas”. Os textos aqui foram selecionados do PSS (Processo Seletivo Seriado – 2009) realizado pela UFPB. Ao final de nossas análises, percebemos que o operador “mas”, além do que é proposto pelas gramáticas tradicionais, funcionam como operador que põe em cena outras vozes, e ainda servem para que o locutor responsável pelo texto exponha seu engajamento diante do fato apresentado, em diferentes graus. Logo, entendemos que estudos teóricos precisam com urgência estarem ligados às práticas de sala de aula, se o nosso objetivo for realmente proporcionar aos nossos alunos condições para leitura e escritas efetivas de textos.

Palavras-chave: Argumentação, Texto de opinião, Operador.

INTRODUÇÃO

É fato que estamos interagindo cotidianamente nas mais diversas esferas da nossa sociedade. Nossas interações ocorrem por intermédio da linguagem e, conforme é postulado por Ducrot (1988), a língua é argumentativa por natureza.

Dessa forma, sempre que nos relacionamos com outros indivíduos, estamos, de alguma maneira, querendo impor ou apresentar um ponto de vista nosso, com o desejo de que o outro, nosso interlocutor, aceite esse ponto de vista como sendo o mais plausível. Estamos, assim, agindo argumentativamente, por meio da língua e na língua.

Já que consideramos que a língua é por natureza argumentativa, podemos dizer que no interior da própria estrutura de uma determinada língua há elementos que possibilitam o encadeamento de argumentos, levando o ouvinte/interlocutor a elaborar determinadas conclusões. A esses elementos, Ducrot e Vogt (1980), em seus estudos, denominaram de operadores argumentativos.

¹ Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, da UFPB. Professor efetivo do Instituto Federal de Alagoas, Campus Murici. E-mail: marco_sil2@hotmail.com.

² Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, da UFPB. Professor efetivo do Instituto Federal do Ceará, Campus Tauá. E-mail: luizao_andrade2008@hotmail.com.

Assim, norteados pela Teoria da Argumentação na Língua, proposta por Anscombe e Ducrot (1988, 1994), intentamos, com este artigo, apresentar uma análise da estrutura *masSN* em textos de opinião produzidos por alunos egressos do ensino médio durante o PSS (Processo Seletivo Seriado 2009), da UFPB.

É preciso ressaltar que essa estrutura, o *mas*, aqui especificado por *masSN*, é apresentada pelas gramáticas tradicionais como estrutura responsável por unir elementos/termos de mesmos valores sintáticos. Já para os autores da Teoria da Argumentação na Língua, a função desse elemento vai além da de unir termos equivalentes, mas funciona de forma argumentativa nas relações entre os enunciados, como veremos posteriormente nas análises.

Salientamos, ainda, que Vogt e Ducrot (1980) diferenciam dois tipos de *mas*: um *masPA* e um *masSN*, mas que nosso empreendimento dará conta apenas do segundo tipo, o *masNS*, visto a inexistência dessa estrutura nos nossos compêndios escolares e, ainda assim, o seu uso nas redações analisadas.

Nossos estudos serão guiados pela Teoria da Argumentação na Língua, proposta por Anscombe e Ducrot (1994), conforme já pontuamos, bem como pelas contribuições de Ducrot (1997, 1988), Guimarães (1987), Koch (2007), dentre outros.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

Os estudos acerca da argumentação com ênfase na língua têm seu marco inicial com a publicação da obra *L'argumentation dans la langue*, em 1983³, da autoria de Jean-Claude Anscombe e Oswald Ducrot.

A proposta apresentada por Ducrot e colaboradores (1988) na Teoria da Argumentação na Língua (TAL) trata-se de uma reação à concepção tradicional de argumentação. Esses estudiosos, segundo Nascimento (2005, p.17), rejeitam “[...] a concepção de língua como conjunto de regras independentes de toda enunciação e contexto, negando a ideia de que a língua tem primeiramente uma função referencial e que o sentido do enunciado se julgue em termos de verdade ou falsidade [...]”. Destacamos ainda que, mesmo sendo estruturalista, Ducrot (1994) leva em consideração o contexto em que o enunciado é produzido e deixa claro que o seu compromisso, enquanto estruturalista, não consiste em

³ A obra datada de 1983 refere-se à edição francesa *La argumentation dans la langue*, no entanto, utilizaremos a edição espanhola *La argumentacion en la lengua*, datada de 1994 e *Polifonia y argumentacion*, de 1988.

tentar descrever a língua como uma forma de dar informações sobre o mundo, mas como uma forma de construir discursos.

Dessa forma, Ducrot (1988), ao elaborar sua teoria da argumentação, explicita que esta tem como objetivo fazer oposição à noção tradicional de sentido, pois, de acordo com esse autor, são descritos, tradicionalmente, três aspectos de sentidos dos enunciados: objetivos, subjetivos e intersubjetivos.

Cada um desses aspectos estaria relacionado com uma função, em relação ao enunciado. O aspecto objetivo teria como função representar a realidade; o subjetivo, revelar a posição do locutor diante da realidade e o intersubjetivo referir-se às relações existentes entre os locutores e seus interlocutores, frente ao fato enunciado.

Exemplificando como ocorre a distinção entre esses três aspectos ou indicações, Ducrot (1988, p. 50) apresenta os seguintes exemplos:

Exemplo 01:

Pedro é inteligente.

Com efeito, há presente no enunciado os três aspectos: o objetivo – descreve Pedro; o subjetivo – ao indicar sentimento/admiração do locutor em relação a Pedro, e ainda o intersubjetivo – quando o locutor revela ao seu interlocutor que o mesmo pode confiar em Pedro.

Em relação ao segundo exemplo, proposto também por esse autor (1988, p.50), temos:

Exemplo 02:

Faz bom tempo.

Da mesma maneira que ocorre no primeiro exemplo, há nesse enunciado a presença também dos três aspectos. O objetivo descreve a condição do tempo naquele exato momento da enunciação; o aspecto subjetivo revela que a condição presente do tempo agrada ao locutor (condição essa que poderia ser de chuva, sol forte, sol ameno) e, por último, o aspecto intersubjetivo, uma vez que, ao pronunciar tal discurso, o locutor poderá revelar, se esse for seu objetivo, um convite a um passeio ou uma ida à praia.

Ao analisar esses dois exemplos, Ducrot (1988) afirma que, tradicionalmente, os aspectos objetivos são chamados de denotação, enquanto os subjetivos e intersubjetivos de conotação. Para esse autor, é necessário acabar com a separação entre denotação e conotação, devido ao fato de que a linguagem ordinária não possui uma parte objetiva e, além disso, os enunciados, para esse autor, não dão acesso direto à realidade.

Assim, para esse autor, se é possível que a linguagem ordinária possa descrever a realidade, isso é realizado por meio dos aspectos subjetivos e intersubjetivos. Dessa forma, retomando o primeiro exemplo, ao descrever Pedro, o locutor revela já sua admiração (esta subjetiva) por Pedro. É ainda necessário que o locutor tenha admiração (subjetiva) pela inteligência para poder enunciar tal discurso.

Ducrot (1988) lembra ainda que, ao afirmar que “Pedro é inteligente” (aspecto objetivo), o locutor revela a forma como seu interlocutor deve portar-se com Pedro (aspecto intersubjetivo). Ou seja, Pedro é inteligente, você pode contratá-lo / ele dará conta das atividades etc.

Por conseguinte, Ducrot (1988) une os dois aspectos - subjetivos e intersubjetivos - e os denomina de *valor argumentativo*, passando a compreender esse valor como a orientação argumentativa que uma palavra dá ao discurso.

Além disso, esse autor (1988, p. 50) afirma que:

De fato, no meu ponto de vista, o emprego de uma palavra torna possível ou impossível uma certa continuação do discurso e o valor argumentativo dessa palavra é o conjunto dessas possibilidades ou impossibilidades de continuação discursiva que seu emprego determina⁴. (Tradução nossa)

Os estudos quanto à argumentação na língua, propostos por Ducrot e colaboradores, passaram por algumas modificações, evidenciando, por meio das pesquisas, que a sua teoria não pode/deve ser vista como concluída. O que prova essas modificações são as evoluções referentes ao conceito de argumentação e no que diz respeito às funções dos operadores, por exemplo, que podem ser observadas nas várias etapas⁵ dessa teoria que compreendem os estudos sobre a argumentação na língua, desenvolvidas por esses estudiosos, e que seguem em parcerias nos dias atuais com Marion Carel e atual etapa da teoria, a *Teoria dos Blocos Semânticos*.

Nosso trabalho é norteado pela terceira etapa dessa teoria, *A Argumentação como Constituinte da Significação*, pois é nessa etapa que os autores afirmam que a argumentação está na língua, isto é, a língua é, por natureza, argumentativa.

Ainda nessa terceira etapa, diferentemente das outras duas primeiras etapas, nas quais não foram introduzidos valores argumentativos à língua, Ducrot e colaboradores (1994)

⁴ En efecto, a mi juicio el empleo de una palabra hace posible o imposible una cierta continuación del discurso y el valor argumentativo de esa palabra es el conjunto de esas posibilidades o imposibilidades de continuación discursiva que su empleo determina.

⁵ Por motivo de espaço, não trouxemos uma discussão mais ampla sobre a evolução da Teoria da argumentação na Língua. Uma leitura mais completa, no tocante às etapas dessa teoria, pode ser vista em SILVA (2010).

compreenderam a argumentação como algo inerente à língua. Os operadores como *pouco*, *um pouco*, *também*, *que* entre outros, de acordo com os autores, podem não apenas favorecer certas argumentações, mas devem proporcionar outras. Esses mesmos operadores, nas frases, devem ser utilizados de forma que os enunciados determinem as direções argumentativas que orientarão os interlocutores/ouvintes a determinadas conclusões.

Além da discussão sobre os operadores argumentativos, é no interior da Teoria da Argumentação que Ducrot e colaboradores (1988) introduzem a noção de polifonia, trazida do universo musical, com o objetivo de quebrar com a ideia da unicidade do sujeito. Assim, os autores distinguem dois tipos de polifonia: a de locutores e a de enunciadores.

A *polifonia de locutores* pode ser encontrada no “[...] discurso relatado em estilo direto”, como declara o autor (1987, p. 185). Ducrot propõe o seguinte exemplo para essa forma de polifonia:

Exemplo 03:

João me disse: eu virei.

A polifonia de locutores pode ser identificada, no exemplo, por meio das duas marcas linguísticas pronominais: “me” e “eu”. Sendo assim, podemos afirmar que o locutor L1 é responsável pelo enunciado como um todo “João me disse: eu virei”, enquanto que o locutor L2 é responsável pelo segmento “eu virei”. Convém salientar que o segmento “eu virei” é relatado por L1 no momento do evento comunicativo e que, dessa forma, não se trata de dois enunciados, mas segundo esse estudioso, o que ocorre no exemplo “João me disse: eu virei” é que há aí dois locutores em um único enunciado.

No caso do exemplo 03, dos dois locutores presentes, L1 é o responsável pelo enunciado em sua totalidade e ao L2 é atribuída apenas uma parte desse enunciado, ou seja, o relato “eu virei”.

Em relação à *polifonia dos enunciadores*, esse tipo ocorre no momento em que o locutor apresenta, no enunciado, pontos de vista diferentes, consoante Ducrot (1987). Ainda conforme esse autor (1987, p. 193), “[...] o locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes”.

Um dos elementos responsáveis pela ativação da polifonia de enunciadores é o operador argumentativo *masPA*. No entanto, durante as análises das produções e com base em Martorelli (2005), vimos que é possível identificar a polifonia de enunciadores também nos enunciados produzidos com a estrutura retificadora *masSN*. Porém, é interessante que se explicita que, nesse caso, a polifonia não é ativada pela estrutura *mas*, mas pelo elemento negativo *não*, marca da “negação polêmica”.

1.1 SOBRE A ESTRUTURA LINGUÍSTICA “MAS”

Conforme Nicola e Infante (1997, p. 232), conjunção “[...] é a palavra invariável usada para ligar orações ou termos semelhantes (de mesma função sintática) de uma oração.” Para esses autores, a palavra *mas* está presente nas orações coordenadas adversativas, bem como *porém*, *contudo*, *todavia*, *entanto*, *entretanto* e ainda as locuções *no entanto*, *não obstante*, *nada obstante*, introduzindo essa oração e exprimindo contraste, oposição ou compensação em relação à anterior. Como exemplos, os autores apresentam (1997, p. 302):

Exemplo 04:

*Este mundo é redondo **mas** está ficando muito chato* (Barão de Itararé) e

*O amor é difícil **mas** pode luzir em qualquer ponto da cidade* (Ferreira Gullar).

Faraco e Moura (2002, p.369) afirmam que conjunção “[...] é a palavra invariável que estabelece relação entre duas orações ou entre dois termos que exercem a mesma função sintática”. Esses autores trazem como exemplo a oração:

Exemplo 05:

*Gostaria de ler bastante, **mas** não tenho tempo.*

Nada mais, sobre a questão de argumentação, presença de outros enunciadores e mesmo sobre o fato de poder ser utilizado como retificador, é dito sobre essa estrutura.

Vogt e Ducrot (1980), ao se dedicarem à questão do *mas*, identificaram dois tipos dessa estrutura: um *masPA*, operador argumentativo por excelência, segundo os autores, e o *masSN*, que tem a função de retificar algo dito na proposição anterior.

Sobre o fato de o *masSN* exigir que a proposição anterior seja negativa, Guimarães (1987, p. 61), ao realizar estudos sobre o funcionamento das conjunções no português, afirma que esse conectivo aparece com a “[...] função de correção de algo suposta ou realmente dito antes”, como no exemplo exposto pelo autor:

Exemplo 06:

Ela não é nadadora *mas* atleta.

Dessa forma, explicando a estrutura do funcionamento do *masPA*, Ducrot e Vogt (1980, p.104) afirmam que “[...] sua função é introduzir uma proposição *q* que orienta para uma conclusão *não-r* oposta a uma conclusão *r* para a qual *p* poderia conduzir”. Como exemplo para o exposto, os autores nos dão o seguinte enunciado: *Ele é inteligente, masPA estuda pouco*. Assim, seja *Ele é inteligente* (*p*), essa proposição orientará o interlocutor para a conclusão *r* (possivelmente, *ele é muito estudioso*), no entanto, o *masPA* introduz uma outra proposição *estuda pouco* (*q*) gerando, portanto, uma conclusão *não-r* que diverge da conclusão anterior *r* indicada pelo segmento.

Consoante Koch (1999, p. 17), os operadores têm como função relacionar semanticamente elementos no interior do texto, essenciais para a interpretação do mesmo. A pesquisadora afirma ainda que “A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos”. Trata-se, portanto, de um “elo coesivo” o funcionamento desses recursos coesivos, na produção textual.

Essa autora (2007, p.31), dentre uma possível classificação para os operadores argumentativos, inclui a estrutura “mas” no grupo dos operadores de contraposição, enquanto “[...] operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias: *mas* (porém, contudo, todavia, no entanto, etc.), *embora* (ainda que, posto que, apesar de (que), etc.)”.

Assim, a partir da leitura desses teóricos, podemos observar que a estrutura *mas* (seja *masPA* ou *masSN*) tem mais relevância do que apresenta a maioria dos manuais didáticos, quando aferem a essa estrutura o poder apenas de ligar termos. Como mostram os pesquisadores estudados, o *mas*, além de trazer outros pontos de vista para o interior do enunciado, pode também funcionar como sinal de retificação, além de orientar os enunciadores para conclusões distintas.

É com base nesses estudiosos que realizaremos nossas análises, mas apenas com o olhar voltado para o *masSN*.

2. ANÁLISES DOS TEXTOS COLETADOS

As produções aqui analisadas foram coletadas na COPERVE, em fevereiro de 2009, após o PSS (Processo Seletivo Seriado) realizado pela Universidade Federal da Paraíba. Após a coleta dos textos, deu-se início à leitura e às análises das produções. Em seguida, foram realizadas as descrições quanto ao funcionamento da estrutura *mas* e os resultados apontaram para apenas dezoito ocorrências do *masSN*, dentro de um universo de quinhentos textos.

Consoante os estudos empreendidos por Ducrot e Vogt (1980), o *mas* pode ter, também, a função de retificar algo dito anteriormente no enunciado, nesse caso, estaremos nos referindo ao *masSN*. O operador *masPA*, que tem função argumentativa, como já pontuamos, não será observado nas nossas análises.

Cabe aqui ressaltar que, conforme fora dito na seção anterior, a polifonia presente no enunciado com *masSN* não é ativada por esse elemento, mas pela partícula negativa *não*, presente no primeiro segmento do enunciado. Ressaltamos ainda que, das dezoito ocorrências

dessa estrutura identificadas no nosso *corpus*, trouxemos para nosso artigo um total de cinco casos, objetivando evitar repetições nas análises.

Convém ressaltar ainda que, por motivo de espaço, não trouxemos os textos na íntegra. Dessa forma, apresentamos aqui recortes dos textos analisados. Apresentamos, assim, os três enunciadores possíveis para enunciados elaborados com base na estrutura *masSN* e o posicionamento do locutor diante desses três enunciadores.

Texto 01:

[...], deve-se ter o cuidado de não deixar a grandiosidade deste ato ser ofuscada por interesses pessoais em busca de “estereótipos padrões”, pois, **não** estamos lidando com produtos, **mas** com vidas. (TP)⁶

No exemplo do texto 01, o locutor retifica a forma como as crianças devem ser tratadas: não como meros produtos que podem ser escolhidos por “padrões”, mas como crianças que necessitam de cuidados.

Analisando a polifonia presente nesse exemplo, é possível identificar os seguintes enunciadores:

E1: Estamos lidando com produtos.

E2: **Não** estamos lidando com produtos.

E3: **Mas** com vidas.

A posição do locutor diante dos enunciadores é a seguinte: rechaça totalmente E1, identifica-se com E3 e aprova E2.

Texto 02:

[...] **não** são todas as famílias adotando por uma questão de amor, **mas** sim por um questão de dinheiro, afim de lucrar com a exploração infantil. (TP)

Em relação ao recorte 02, o locutor responsável pelo texto utilizou o *masSN* com a função de retificar o fato de um outro enunciador ter dito que “todas as famílias (estão) adotando por uma questão de amor”. Conforme é possível observar nesse caso, o locutor do

⁶ As marcas TP indicam que os textos foram transcritos de forma parcial. Os marcados com TT indicam transcrição na totalidade.

texto deseja impor o seu ponto de vista de que há famílias que estão adotando “por uma questão de dinheiro, a fim de lucrar com a exploração infantil.”

É possível identificar no recorte 02 os seguintes enunciadores:

E1: Todas as famílias estão adotando por uma questão de amor.

E2: [...] **não** são todas as famílias adotando por uma questão de amor.

E3: **Mas** sim por uma questão de dinheiro, a fim de lucrar com a exploração infantil.

O locutor rechaça parcialmente E1, aprova E2 e se identifica com E3.

Texto 03:

Por isso, a solução para esse problema **não** está no “tratamento”, **mas** sim na “prevenção”, ou seja, deve haver um cuidado maior por parte dos genitores para impedir a união dos gametas, utilizando métodos anti-concepcionais. (TP)

No exemplo do texto 03, o *mas*SN introduzido na segunda proposição foi usado para retificar o enunciado dito anteriormente, ou seja, “que a solução para esse problema não está no “tratamento”. Lembramos que essa negação já se trata de uma negação a algo dito antes, por um outro enunciador. Trata-se da negação à ideia de que “A solução para esse problema está no ‘tratamento’”.

Polifonicamente, termos os seguintes enunciadores:

E1: A solução para esse problema está no tratamento.

E2: Por isso, a solução para esse problema **não** está no tratamento.

E3: **Mas** sim na “prevenção”, ou seja, deve haver [...].

O locutor recusa E1, identifica-se com E3 e aprova E2.

Texto 04:

A solução para o menor abandonado no Brasil **não** está especificamente ligada a adoção, **mas** sim a conscientização dos governantes que deveriam se preocupar com o futuro dessas crianças [...]. (TP)

Observando o exemplo do recorte 04, podemos afirmar que o fato negado na primeira proposição é a questão de que a solução para o problema do número de menores abandonados estaria ligada à adoção. Esse fato é negado pelo enunciador E2 e retificado pelo enunciador

E3, que afirma que a solução está ligada à “conscientização dos governantes que deveriam se preocupar com o futuro dessas crianças”.

É possível identificar os enunciadores seguintes:

E1: A solução para o menor abandonado no Brasil está ligada à adoção.

E2: A solução para o menor abandonado no Brasil **não** está especificamente ligada à adoção.

E3: **Mas** sim a conscientização dos governantes que deveriam se preocupar com o futuro dessas crianças.

As posições do locutor responsável pelo texto, frente aos enunciadores, são: rechaçar parcialmente E1, identificar-se com E3 e aprovar E2.

Texto 05:

A adoção **não** resolve o problema dos menores abandonados, **mas**, já seria um bom começo, e junto à outras medidas, tornaria as coisas bem mais fáceis. (TP)

Ao analisarmos o exemplo do texto 05, percebemos que o *mas*SN na segunda proposição aparece com a função de retificar algo enunciado na proposição anterior, que, por sua vez, já se trata de uma negação a algo dito por um outro enunciador.

A ideia negada, nesse exemplo, é a de que a adoção resolve o problema do menor abandonado, quando, segundo o locutor, a adoção “seria um bom começo”. O locutor apresenta um rechaço parcial, ou seja, que o a adoção não soluciona completamente a questão dos menores abandonados, mas que de alguma forma ajudaria a solucioná-lo.

A distribuição polifônica dos enunciadores do texto 05 pode ser representada da seguinte maneira:

E1: A adoção resolve o problema dos menores abandonados.

E2: A adoção **não** resolve o problema dos menores abandonados.

E3: **Mas** já seria um bom começo, e junto a outras medidas, tornaria as coisas bem mais fáceis.

O locutor rechaça parcialmente E1, aprova E2 e se identifica com E3.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, ao término de nossas análises, que há um caminho longo a ser seguido quando pensamos em um ensino de língua que trabalhe de fato com a língua em uso.

Nossas análises revelaram, com base em nossos aportes teóricos, que no uso real da língua, estruturas como o operador “mas”, mais especificamente o masSN, apresentam funções que vão além daquelas estabelecidas pelas gramáticas tradicionais, considerando que põem em cena enunciadores ou pontos de vista, nos enunciados.

A presença desses enunciadores nos enunciados revelam, de alguma forma, o posicionamento do locutor diante do conteúdo apresentado. Assim, o locutor pode aprovar, rechaçar ou se identificar com tais enunciadores.

Chama a nossa atenção o fato dos produtores de texto, nesse caso, os alunos saídos do ensino médio, usarem estruturas de forma de uma forma que não é trabalhada em sala de aula, pois sabemos que seguindo as gramáticas e os livros didáticos, a única função apresentada para o “mas” é a de conjunção coordenativa adversativa e, ainda assim, os alunos recém saídos do ensino médio utilizam, no uso concreto, tais estruturas e com essa função aqui identificada.

REFERÊNCIAS

- ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *La argumentación en la lengua*. Versión española de Julia Sevilha e Marta Tordesillas. Madrid: Editora Gredos, 1994.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Revisão Técnica da Tradução Eduardo Guimarães. Campinas, SP, Pontes, 1987.
- _____. *Polifonia e argumentação*: Conferencia del Seminario Teoria de la Argumentación y Analisis del Discurso. Cali, Universidad del Valle, 1988
- ESPÍNDOLA, Lucienne. *A entrevista*: um olhar argumentativo. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.
- FARACO & MOURA. *Língua e literatura*. São Paulo: Ática, 2002.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação*: um estudo de conjunções do Português. Campinas. São Paulo: Fontes, 1987.
- KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1999.
- _____. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARTORELLI, A. B. Peres. Operadores Argumentativos em Língua Espanhola. In: SILVA, Joseli Maria da; ESPINDOLA, Lucienne (organizadores). *Argumentação na língua – da pressuposição aos Topoi*. João Pessoa: Editora Universitária, 2005.
- SILVA, Marcos Antônio da. *O mas na produção textual*: uma análise semântico-argumentativa. (Dissertação de Mestrado). João Pessoa, 2010.
- VOGT, Carlos; DUCROT, Oswald. De magis a mas: uma hipótese semântica. In: VOGT, Carlos: *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: HUCITEC, 1980.